

## Editorial

### Os ciclos naturais nas Sociedades Científicas

A Revista Brasileira de Agroecologia, em sua primeira edição de 2015, inaugura uma nova fase de desafios e oportunidades. A equipe editorial recompõe-se no seu núcleo básico com pessoas que até então estavam atuando na função de editores de seção, e agora passam a ocupar a coordenação da revista na função de editores associados, atuando em colegiado. Essa decisão ocorreu, de forma participativa, dentro do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado de 28/09 à 01/10, em Belém do Pará, onde em uma oficina promovida pela diretoria da Associação Brasileira de Agroecologia-ABA foram definidas estratégias para a revisão e atualização da nossa revista, entendendo ela como fundamental instrumento de divulgação da produção de nossa sociedade científica.

Nessa oportunidade foi constituída uma coordenação colegiada para a RBA formada pelos professores Joel Donazzolo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pedro Boff da Epagri-SC, Eduardo de Sá Mendonça da Universidade Federal do Espírito Santo e Décio Cotrim da Universidade Federal de Pelotas que exercerão um conjunto de atividades que possibilitarão a manutenção periódica de nossa revista e também promoverão adaptações com vistas a agilização e profissionalização do processo de publicação de artigos e a indexação em novas bases de dados científicos.

O novo grupo continuará o trabalho iniciado há mais de 10 anos pelos professores Fábio Dal Sóglio e Valéria Lemos, que constituíram o esteio fundamental para a atual posição de destaque da RBA. A eles agradecemos o total apoio e capacitação para iniciarmos a nova fase de trabalho. Também queremos lembrar o pesquisador João Batista Silva Araújo, do INCAPER-ES, que prestou um valioso serviço na transição da revista durante o último ano, e a professora Nicole Rodrigues Vicente, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pelo fundamental auxílio na viabilização deste número.

Nesse presente número da revista teremos a publicação de seis artigos científicos os quais apresentaremos na sequência.

O primeiro artigo intitulado “Espécies nativas e naturalizadas utilizadas em consórcios para formação de cercas vivas” apresenta uma pesquisa sobre as cercas vivas como elementos lineares de vegetação uniformemente plantadas nas bordas dos agroecossistemas, tendo como objetivo elencar espécies nativas e naturalizadas com potencial para cercas vivas em sistemas agroflorestais da região sul do Rio Grande do Sul. Como resultado final aponta que o consórcio formado por mamão do mato (*Vasconcelle quercifolia*) apresentou maior potencial para esse uso e que iuca (*Yucca guatemalensis*), dracena (*Dracaena marginata*) e margaridão (*Tithonia diversifolia*) são as que se destacaram entre as espécies naturalizadas.

O segundo artigo denominado “Do extrativismo ao cultivo intensivo do açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico: sistema de manejo e suas implicações sobre a diversidade de espécies arbóreas” tem como objetivo a identificação dos diferentes tipos de manejo de açazais praticados por ribeirinhos, caracterizá-los quanto às práticas produtivas e relacioná-los com a diversidade florística no estuário amazônico. Como resultado foram identificadas três intensidades de manejo de açazais: leve; moderado; intensivo. Os resultados sugerem intensificação na produção de açaí, com risco de desaparecimento de algumas espécies e tendência ao monocultivo.

O terceiro artigo intitulado “Produção de adubos verdes e a utilização dos resíduos no cultivo de cebolinha” se caracteriza como uma pesquisa experimental que tem objetivo de avaliar a produção de adubos verdes e o efeito

residual no crescimento da cebolinha cultivada em Alagoas. Os resultados indicaram maior massa fresca e seca; teor de N e B; extração de N, P e Mg e B nas leguminosas em relação as plantas espontâneas. Os resíduos das leguminosas proporcionaram maior número de folhas, diâmetro inferior do bulbo e matéria seca na cebolinha.

O quarto texto denominado “A análise do uso de cobertura da terra em sistemas agroflorestais no litoral norte do Rio Grande do Sul” tem como objetivo a descrição das formas de uso da terra diversificadas e compará-las com outras formas de uso da terra, no espaço empírico, por meio de depoimentos coletados via história oral e da observação do uso e da cobertura das terras utilizando-se análise de imagens de satélite. Como resultado a análise do uso e da cobertura das terras nas propriedades permitiu elevar a compreensão da representação espacialmente explícita dos sistemas agroflorestais demonstrando a diversidade em nível de paisagem, podendo ser utilizados como estratégias mais sustentáveis de uso da terra.

O quinto artigo intitulado “Desempenho de *Crotalaria micans* Link. em Argissolo Amarelo distrófico no Acre ocidental, Brasil” se caracteriza como uma pesquisa experimental que objetiva avaliar o desempenho desta espécie em um tipo de solo do Acre, com plantio realizado no final do período chuvoso. Como resultado se constatou um ciclo de 160 dias até a floração, produção de biomassa verde de 11,29 t/ha, e de biomassa seca de 3,32 t/ha, teores de 3,41 % de N e 21,33 % de proteína bruta.

O sexto e último artigo desse número foi denominado de “Lógicas agroextrativistas em contexto de mudanças socioeconômicas no arquipélago do Marajó-Pará, Amazônia” e busca a compreensão das lógicas produtivas das famílias agroextrativistas que têm adaptado e modificado seus agroecossistemas ao contexto socioeconômico vigente no Arquipélago do Marajó. Em um cenário de forte mudança econômica, social e ambiental foi possível identificar duas lógicas produtivas significativas dos agroecossistemas familiares manejados, uma tradicional, na qual se observou forte atividade extrativista e pouca inserção no mercado; e outra lógica caracterizada pela maior inserção no mercado formal, mas com perda significativa de autonomia em seus projetos de vida.

Esperamos que essas reflexões apresentadas nos artigos desse número sejam bons elementos no caminho da construção de arcabouço do conhecimento agroecológico.

Uma boa leitura a todos!

Décio Cotrim  
Comissão Editorial da RBA